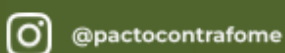




Boletim Mensal

**Monitoramento da
Inflação dos alimentos
no Brasil**

Setembro de 2025



Introdução

Este material é um esforço do Pacto Contra a Fome em monitorar a **inflação de alimentos** no cotidiano das famílias brasileiras, com o objetivo de **promover debates** e **fomentar** uma agenda de políticas públicas e ações da sociedade civil que **assegurem o direito humano à alimentação adequada (DHAA)**.

Contexto

A inflação do país, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), foi de -0,11% em agosto, o que representa uma desaceleração de 0,37 pontos percentuais (p.p.) em relação a julho (0,26%).

Em agosto, no grupo de alimentos e bebidas, a alimentação no domicílio apresentou **queda de 0,83%**, após a redução de 0,69% em julho. Enquanto isso, a alimentação fora do domicílio passou de 0,87% em julho para 0,50% em agosto.

O recuo no patamar da inflação geral está atrelado ao grupo de habitação, por conta da redução no custo da energia elétrica residencial (-4,21%). No entanto, a previsão de que esse **desempenho é temporário** e ainda vai refletir reajustes exige cautela.

Para o consumidor, o alívio na conta de luz e no carrinho desafogam o orçamento doméstico.

Destaques

- A divulgação do IBGE mostra que a inflação do grupo de alimentos e bebidas apresentou **queda pela terceira vez consecutiva**: -0,46% em agosto, -0,27% em julho e -0,18% em junho.

- **Alguns dos alimentos básicos centrais na dieta dos brasileiros** apresentaram um patamar de redução significativa no período, como o tomate e o arroz.

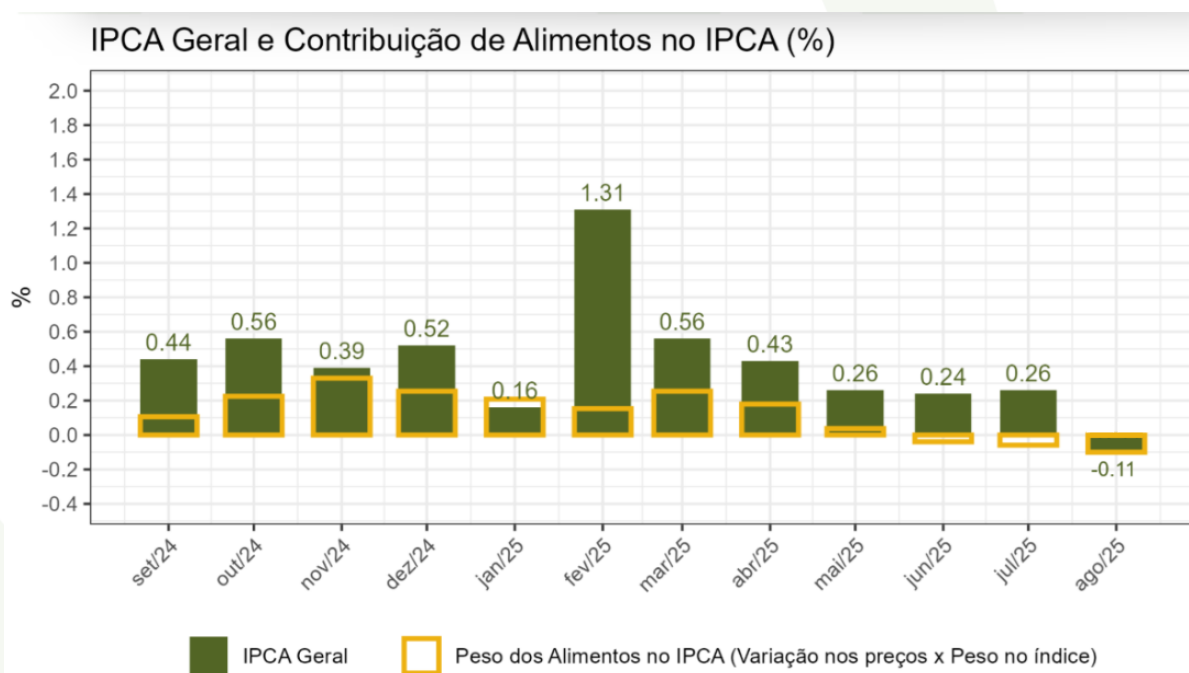
- Os alimentos in natura e minimamente processados – considerados mais saudáveis – também apresentaram queda (-1,58%), **mas acumulam alta superior aos ultraprocessados em 12 meses**.

- Já o custo da **cesta NEBIN** foi de **R\$415 para R\$408** por pessoa.

Outros indicadores da economia ajudam a compor esse quadro; **o PIB cresceu 0,4% no segundo trimestre de 2025, sinalizando atividade mais forte.** Na ótica da produção, o crescimento foi puxado por demanda, com destaque para a agropecuária, que avançou 10,1% em comparação com o mesmo trimestre de 2024, impulsionada pelas boas colheitas de grãos e café.

No segundo trimestre de 2025, o consumo das famílias avançou 0,5% em relação ao trimestre anterior, e 1,8% em relação ao mesmo trimestre de 2024. Apesar do endividamento e da inflação, a demanda por bens e serviços segue resiliente, sustentada pela maior renda real e pelas transferências do governo.

Resultados



Em agosto, o grupo Alimentação e Bebidas, que concentra o maior peso no IPCA, registrou uma **redução de 0,10 p.p.**, contribuindo com a queda do índice geral. A deflação foi novamente explicada pela alimentação no domicílio (-0,83%), ainda que a alimentação fora do domicílio também tenha reduzido (-0,50%).

Considerando a variação nos subgrupos de alimentos, as maiores altas foram observadas nos pescados (0,53%), enlatados e conservas (0,53%) e açúcares e derivados (0,42%). Já as maiores quedas ocorreram nos mesmos subgrupos do

mês anterior: tubérculos, raízes e legumes (-8,07%), cereais, leguminosas e oleaginosas (-2,53%) e hortaliças e verduras (-1,88%).

O resultado reforça a **trajetória de leve redução com acomodação** observada desde o início do segundo trimestre, marcada por quedas consistentes nos preços de alimentos essenciais para a cesta de consumo das famílias. **Esse movimento ajuda a reduzir a inflação agregada, sobretudo para famílias de menor renda**, que gastam uma fatia maior do orçamento com alimentação.

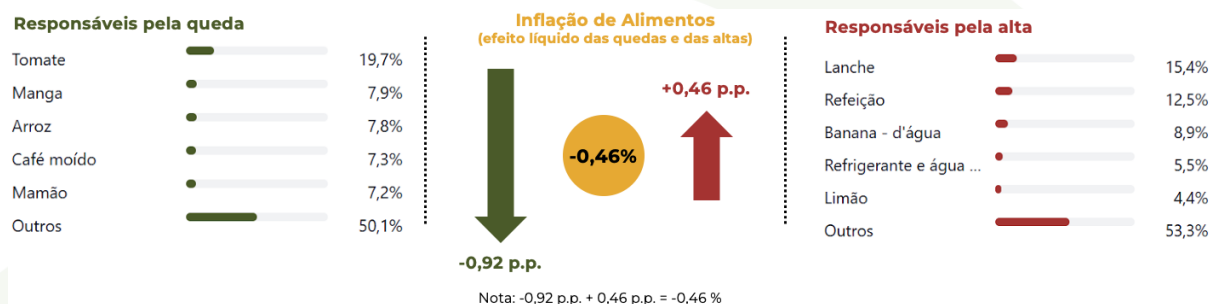
A melhor performance dos Alimentos e Bebidas só ficou atrás da registrada pelo grupo Habitação, que caiu 0,90%. Além destes, apresentaram queda nos preços em agosto, em comparação ao mês de julho, os grupos de Transportes (-0,27%), Artigos de Residência (-0,09%) e Comunicação (-0,09%).

A alta ficou nos outros quatro grupos abordados na pesquisa, que apresentaram preços superiores em relação ao mês anterior: Educação (0,75%), Vestuário (0,72%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,54%) e Despesas Pessoais (0,40%).

O quadro de agosto revela que, embora a inflação geral siga em trajetória de desaceleração moderada, **a composição dos aumentos se concentra em itens de peso significativo para o orçamento doméstico**, como condomínio, taxa de água, gás de botijão e plano de saúde, cuja demanda é pouco elástica. Esses componentes tendem a manter restrições sobre a renda disponível, especialmente entre famílias de menor poder aquisitivo, mesmo diante do alívio recente nos preços de alimentos e combustíveis.

Decomposição da inflação de alimentos por item da cesta

Considerando as variações de preços e os respectivos pesos, os alimentos que ficaram mais baratos (**queda**) reduziram a inflação de alimentos em **-0,92 p.p.**. Já aqueles que ficaram mais caros (**alta**) em relação ao mês anterior influenciaram a inflação de alimentos em **+0,46 p.p.** A diferença entre esses dois valores é o resultado da inflação de Alimentos e Bebidas no mês, -0,46%.



Os percentuais ao lado dos itens indicam a participação relativa de cada item no total das quedas ou altas, e não a variação do seu preço.

Analisando cada item separadamente, os principais responsáveis pela redução de preços em agosto foram **tomate, manga e arroz**, que juntos explicam 36,8% da queda total de -0,92 p.p na inflação de alimentos. No sentido contrário, os itens que mais pressionaram para cima foram **lanches, refeição fora de casa e banana d'água/nanica**, que juntos explicam 35,4% do resultado da alta de +0,46 p.p..

Variações de preços

Sem considerar o peso na cesta, analisando apenas as variações de preços de cada alimento observadas em agosto comparadas às de julho, destacam-se o crescimento dos itens peixe-peroá (32,37%), limão (24,90%) e melão (16,54%).

Já em relação aos que apresentaram as maiores quedas de preços no mesmo período, destacam-se os itens manga (-18,40%), tomate (-13,39%) e mamão (-10,90%).

Tendências

A coleta de preços para composição do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de agosto mostrou estabilidade com tendência de queda nos preços dos alimentos. Após fortes altas no segundo semestre de 2024 e nos primeiros meses de 2025, houve um recuo e, agora, os preços de alguns itens, como o arroz, já estão pela metade. O resultado foram três meses seguidos de deflação, explicados pela valorização do real, boas safras com poucos choques climáticos e, consequentemente, maior oferta de produtos.

Apesar da recente desaceleração, os preços dos alimentos ainda não indicam estabilidade, pois a demanda segue aquecida e o mercado externo está absorvendo produtos que perderam competitividade nos EUA após o tarifaço de julho.

No caso da carne bovina, a redução interna dos preços foi pequena, já que as exportações para China, México e Argentina bateram recordes. Situação semelhante ocorre com as aves, mesmo diante de restrições causadas pela gripe aviária em uma granja gaúcha. Os ovos, antes vilões da inflação, recuaram, mas os preços seguem cerca de 20% acima do nível do ano anterior.

O café registrou queda em agosto, mas segue entre os itens com maiores altas no acumulado de 12 meses, chegando a 19,75%. A escassez no mercado externo e a forte demanda internacional — intensificada após o tarifaço nos EUA — mantém a maior parte da produção direcionada à exportação, deixando pouca oferta para o consumo doméstico.

As altas de agosto foram pontuais, concentradas em banana-d'água, limão e pimentão, itens que, com exceção da banana, têm baixo peso no índice. Em contrapartida, arroz e feijão de todos os tipos registraram quedas significativas de preços, acompanhados por batata e mandioca, o que reforça a tendência de baixa para o próximo mês.

Regional

Não houve alta da inflação em nenhuma das Regiões Metropolitanas (RMs), e as maiores quedas na inflação de alimentos foram registradas na Grande Vitória (-1,14%), em Salvador (-1,11%) e em Belém (-0,76%).

Inflação por faixa de renda

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) mede a variação de preços para famílias com renda entre 1 e 5 salários mínimos, enquanto o IPCA se refere a um universo mais amplo, de até 40 salários mínimos. Essa distinção permite observar como a inflação afeta diferentes faixas de renda.

As oscilações nos preços dos alimentos e bebidas, que pesam proporcionalmente mais no orçamento das famílias de menor renda, acabam repercutindo de forma mais sensível sobre o custo de vida desse grupo.

Em agosto, o INPC caiu -0,21%, contra -0,11% do IPCA. No que se refere especificamente a alimentos e bebidas, o IPCA registrou variação de -0,46%, enquanto o INPC ficou em -0,54%. **A queda mais acentuada nos preços de alimentos e bebidas no INPC em comparação ao IPCA indica um alívio proporcionalmente maior no custo de vida das famílias de menor renda.**

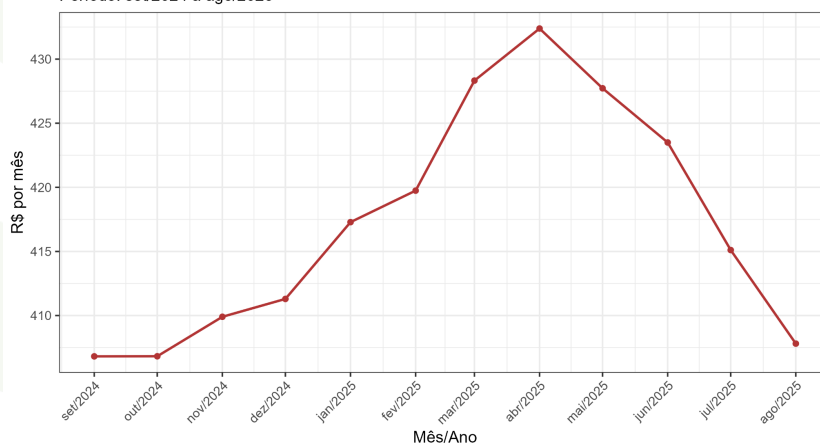
Preço dos alimentos saudáveis

A Cesta NEBIN, elaborada por pesquisadores da Uerj, USP e Unifesp, reúne majoritariamente alimentos in natura, minimamente processados e que têm menor impacto ambiental, de acordo com as recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira e da Comissão EAT-Lancet. A Cesta representa um conjunto de alimentos ideais em termos nutricionais, mas não representam o padrão atual de consumo da população.

Já a classificação NOVA, proposta pelo Nupens/USP, avalia os alimentos segundo o seu grau de processamento, associando o comportamento dos preços à sua qualidade nutricional.

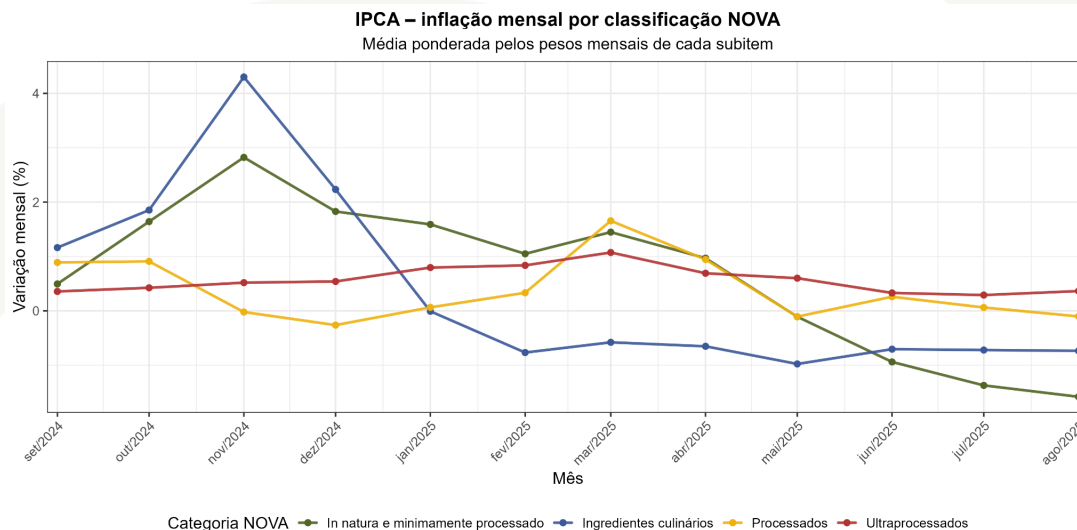
Cesta Básica NEBIN – Custo mensal por pessoa (Brasil)

Período: set/2024 a ago/2025



Obs.: O valor da cesta é expresso em reais por pessoa e pode ser usado para monitorar a acessibilidade a esses alimentos. **Houve um ajuste na forma de apresentação em relação aos boletins anteriores;** a referência de quantidade de dias no mês passou a ser fixada em 30 ao invés do número exato de dias, **o que garante maior comparabilidade na série.**

Em agosto, o custo mensal da NEBIN teve mais uma queda, passando de R\$415 para **R\$408 por pessoa**, dando continuidade ao recuo iniciado em abril deste ano e voltando a patamares observados no final de 2024.



Além disso, somente os alimentos ultraprocessados apresentaram preços maiores em relação ao mês anterior; uma variação de 0,36%. Já os “in natura e minimamente processados”, “ingredientes culinários” e os “processados” apresentaram variações negativas de preços, conforme a tabela abaixo:

Classificação NOVA ¹		
In natura e Minimamente processados	Frutas, legumes, cereais, ovos, pescados e carnes frescas	-1,58 %
Ingredientes Culinários	Itens utilizados no preparo de alimentos, como óleo vegetal, açúcar, gorduras e sal	-0,73%
Processados	Pães, queijos e conservas	-0,10%
Ultraprocessados	Refrigerantes, biscoitos, salgadinhos e embutidos e outros produtos com alto teor de açúcar, sódio e sal aditivos	0,36%

Obs.: referente à variação mensal de agosto.

¹ Monteiro, C. A., Cannon, G., Lawrence, M., Louzada, M. L. da C., & Pereira Machado, P. (2019). Ultra-processed foods, diet quality, and health using the NOVA classification system. Rome: FAO.

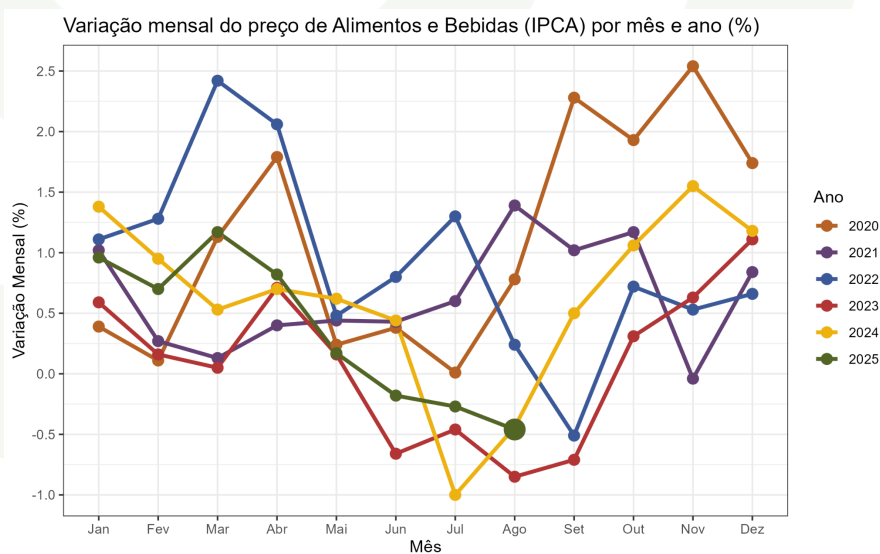
Apesar da tendência de queda na inflação dos alimentos “in natura e minimamente processados” desde novembro de 2024 e das quedas apresentadas nos últimos três meses, **os preços desses alimentos subiram 7,84% no acumulado de 12 meses, a maior variação entre as categorias de alimentos.**

Em seguida aparecem os alimentos “ultraprocessados”, com aumento de 6,81%, os “processados” com variação de 4,62% e os “ingredientes culinários”, com 4,40%.

O preço dos alimentos in natura é mais influenciado por variações de oferta e clima. Essa característica implica maior volatilidade: a abundância de safra pode gerar quedas expressivas, enquanto choques de produção elevam preços de forma rápida, afetando as famílias de baixa renda de forma mais intensa.

Considerações finais

Como se observa no gráfico abaixo, a trajetória do IPCA Alimentos e Bebidas está caindo desde março e segue a trajetória de queda em agosto. Verifica-se que nos três últimos anos (2022-2024), houve uma inversão da curva de queda a partir de agosto e setembro, com aumentos durante o resto do segundo semestre. Analisando as tendências de baixa, vê-se que, em 2025, essa alta nos próximos meses pode não acontecer.



Em agosto, a nova redução **do IPCA foi reforçada pela expressiva queda em alimentação e bebidas**, e as boas safras, o câmbio favorável e a maior oferta doméstica de produtos básicos contribuíram para a queda na despesa da alimentação dentro do domicílio. Entretanto, **os índices acumulados para o ano ainda estão elevados**; no acumulado de 8 meses foi observado um aumento de 2,94% e, no de 12 meses, um aumento de 7,42% nos itens de alimentação e bebidas.

A **redução no preço dos alimentos básicos representa um alívio para as classes de renda mais baixa**. Apesar disso, mesmo que o custo da cesta NEBIN tenha atingido o menor patamar em nove meses, o acesso pleno à alimentação saudável ainda representa um desafio – **para uma família de três pessoas, essa cesta ainda representa uma despesa de R\$ 1.224**.

É interessante observar que, analisando os aumentos pela classificação NOVA, os produtos mais saudáveis apresentam uma **redução significativa**, mas no acumulado de 12 meses, a categoria de alimentos mais saudáveis “in natura e minimamente processados” continua com variações mais elevadas que as dos “ultraprocessados”.

Já na alimentação fora de casa, verificou-se ainda um **aumento conectado à alta do custo dos aluguéis, da mão de obra e de alguns itens como as cervejas e refrigerantes**.

Análise especial

“A alimentação fora do domicílio e a inflação dos alimentos”

O item “alimentação” do IPCA se divide em duas partes: os alimentos que são consumidos nos domicílios e as refeições fora de casa. Em sociedades menos desiguais e mais urbanizadas, há uma tendência de aumento do gasto com alimentos consumidos em restaurantes, bares e lanchonetes. No Brasil, os dados da última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) mostram que um terço do gasto em alimentação dos(as) brasileiros(as) já é com refeições fora do domicílio. Essa proporção varia segundo a classe social; na base da pirâmide de rendas, o gasto com restaurantes (incluindo a merenda nas escolas e o refeitório da fábrica)

não passa de 10% do total, enquanto nas faixas mais altas de renda esse gasto já beira os 50%.

A ponderação dos gastos em alimentação para efeitos de cálculo da inflação obedece exatamente a esse critério. No indicador nacional, o gasto em Alimentação e Bebidas conta com 21,8% das despesas gerais das famílias, sendo composto por 15,8% no domicílio e 6,0% fora do domicílio. Como vimos, esse balanceamento varia segundo a classe de renda, mas também há uma diferença marcante quando se analisa as 10 Regiões Metropolitanas que fazem parte da pesquisa. Em centros urbanos como Recife, São Paulo ou Brasília, o gasto fora de casa representa um percentual mais elevado que a média nacional.

Observando os dados acumulados para o mês de agosto do IPCA, a porcentagem elevada de aumento de preços da alimentação fora de casa (8,50%) em relação aos alimentos consumidos no domicílio (7,01%) nos últimos 12 meses chama a atenção. Nos últimos três meses, a inflação dos alimentos se retraiu e tivemos o fenômeno da deflação. Todavia, enquanto os preços dos alimentos em casa estavam em baixa, a alimentação fora de casa continuou a subir em um ritmo médio de 0,61% ao mês, e estima-se que uma queda nesse item seria decisiva para a redução da inflação, que vem se aproximando da meta estabelecida pelo Banco Central.

O preço do alimento nos restaurantes tem uma dinâmica peculiar: a pesquisa do IBGE analisa o valor médio da refeição (o prato feito ou o quilo na balança) e não cada um dos ingredientes. Nessa conta entram elementos como o custo da mão-de-obra, energia, aluguel e IPTU. Além disso, como o valor de uma refeição não é imediatamente comparável com outra, a concorrência pura não se estabelece entre restaurantes.

Superado o desafio de fazer os preços voltarem para um patamar razoável já se coloca o novo desafio da alimentação fora de casa e, para isso, não é só o fator alimentação que entra na conta, mas também um enorme conjunto de elementos que dirigem a vida urbana.

Walter Belik



Ficha técnica

Bárbara Marra

Analista de Comunicação

Bruno Gomes

Especialista de Inteligência Estratégica

Eliseu Verly Junior

Coordenador vinculado ao Núcleo de Epidemiologia e Biologia da Nutrição, Departamento de Epidemiologia, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Felipe Amorim Pereira

Consultor- Lupa Social

Luan Paciencia

Consultor - Lupa Social

Sulamita Santana

Coordenadora de Inteligência Estratégica

Ricardo Mota

Gerente de Inteligência Estratégica

Walter Belik

Co-fundador do Instituto Fome Zero